

A PROBLEMÁTICA DA CONDIÇÃO JAGUNÇA EM *MEMORIAL DE MARIA MOURA*

Walnice Matos Vilalva¹

RESUMO: A problemática da condição jagunça não é uma atitude recorrente da donzela-guerreira, sobretudo se pensarmos a partir da produção oral. A donzela-guerreira integra o exército, organização legítima que age em defesa do Estado. Entretanto, o bando, sociedade marginal, alternativa e muitas vezes criminosa, instaura-se como importante componente na composição formal da personagem donzela-guerreira no Brasil. É nesse sentido que propomos analisar a condição jagunça em *Memorial de Maria Moura*, romance de Rachel de Queiroz, publicado em 1996.

Palavras-chave: romance, *Memorial de Maria Moura*, personagem, donzela-guerreira.

THE PROBLEMATIC GUNMAN CONDITION IN *MEMORIAL DE MARIA MOURA*

ABSTRACT: The problematic gunman condition is not an attitude applicant the maiden-warrior, especially if we think from the oral production. The maiden-warrior integrating their my, legitimate organization that acts in defense of the state. However, the band, marginal society, alternative and oftencriminal, establishes itself as an important component in the formal composition of the warrior-maiden character in Brazil. That is why we propose to examine the gunman condition in *Memorial de Maria Moura*, Rachel de Queiroz's novel, published in 1996.

Keywords: novel, *Memorial de Maria Moura*, character, warrior-maiden.

Que roupa você veste, que anéis?
Por quem você se troca?
Que bicho feroz são seus cabelos
Que à noite você solta?
De que é que você brinca?
(Chico Buarque)

Início a discussão propondo reflexão sobre o tema do jagunço em *Memorial de Maria Moura*, Rachel de Queiroz. A composição do bando, sobretudo quanto à individualidade dos seus integrantes, à disposição para a vida e para morte, não aparece como garantia de instituição da condição do jagunço. A formação do bando que ocorre em torno da Serra dos Padres acaba por oferecer um aspecto integrador, muito contrário à imagem do jagunço *avulso e móvel* (GALVÃO: 1972, p. 41). Em *Memorial*

¹ Professora do Departamento de Letras e do Programa de Mestrado em Estudos Literários-PPGEL/Universidade Estadual de Mato Grosso, campus Tangará da Serra. wvilalva@ig.com.br

de *Maria Moura*, temos a sedimentação de uma organização quase que familiar, unindo forças em torno de um objetivo em comum, a saber, o direito à propriedade (Serra dos Padres).

A figura do jagunço, retratando condição humana, naquilo que possui *na sua mística violenta de fundo heróico*, não está presente em *Memorial de Maria Moura*. Walnice Nogueira Galvão observa essa possibilidade de ver no “jagunço uma força do mal, um delinquente aquém dos requisitos de humanidade. Também é possível, e sedutor, ver nele um herói, um revolucionário, um Robin Hood caboclo. O problema é que essas duas visões são contraditórias e erigem-se em impasse” (1972, p. 18). Nem a força do mal nem mesmo a dimensão heróica se apresenta como categoria para se pensar personagens como João Rufo e Roque, por exemplo. O mundo de violência, em constante conflito entre o meio e o homem, não se revela como impasse a ser vencido constantemente. Não há ainda o mundo sem horizonte, o vagar em torno de algo que não se configure um objetivo próprio e abertamente traçado. Em tais personagens, como João Rufo e Roque, prevalece a ausência de ambiguidade, gerada pela imagem, entre malfeitor e benfeitor. *Nem só bandido nem só herói: mas bandido e herói* - uma das questões de que fala Vera Lúcia Andrade ao pensar sobre o jagunço em *Grande Sertão: Veredas*². Outro ponto considerável é a total falta de *perspectiva de vida, e a ausência de consciência de seu papel*³. O que não ocorre com membros do bando de Maria Moura, pois o que os move é o desejo pela terra e a possibilidade de se tornarem, todos eles, também proprietários. Nesse sentido, não lutam apenas pelo desejo de outrem, mas defendem seus próprios interesses; não vagam por tempo indeterminado no sertão: vão, sim, em busca da terra desejada.

A problemática do bando não é uma atitude recorrente da donzela-guerreira, sobretudo se pensarmos a partir da produção oral. A donzela, como já foi visto, integra o exército, organização legítima que age em defesa do Estado. Entretanto, o bando, sociedade marginal, alternativa e muitas vezes criminosa, instaura-se como importante componente na composição das donzelas-guerreiras brasileiras. Interessa-nos, sobretudo, constatar que será na produção erudita que a questão da marginalidade, da violência e da criminalidade se apresenta na configuração da donzela-guerreira. Acrescenta-se, a esse aspecto, um elemento configural novo, que nos parece preso à condição do sertão: espaço não apenas geopolítico, mas, sobretudo, econômico e cultural que ganha dinâmica e repercussão nos textos de Guimarães Rosa e Rachel de Queiroz. A natureza do bando oferece, pelo percurso narrativo de cada texto, um tratamento diferenciado, explorando uma ordem de relações distintas. No caso do *Memorial de Maria Moura*, essa estrutura marginal se exterioriza pela fragilidade dos seus membros e pela constante necessidade de inserção nessa condição provisória da travessia até a Serra dos Padres. “Eu já de véspera tinha tudo planejado na cabeça. Sabia que, na minha situação, eu era a parte fraca. Eles podiam juntar os homens que quisessem; já eu, só dispunha daquele punhado ali: Zé Soldado, Maninho, Alípio. E os dois velhos, Eliseu e Chico Anu.” (MMM, p.61).

Maria Moura empreende uma busca que se torna possível diante de três fatores: a relação de poder estabelecida entre ela e os caboclos (sinhazinha/empregado); em

² Andrade, Vera Lucia. *Conceituação de Jagunço e jagunçagem em Grande Sertão: Veredas*. Fortuna Crítica Guimarães Rosa. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

³ Ibidem. p. 495

segundo, a existência da terra; e, em um terceiro plano, a instauração da possibilidade de divisão, dessa mesma terra, com os caboclos.

Vocês estão vendo a situação. Eu hoje estou só no mundo – tirando vocês, meus caboclos. Toquei fogo no que era meu, a casa virou cinza; a terra do sítio aqueles excomungados vão tomar conta dela. Sem falar no gado que também vão roubar (...) (MMM, p.82)

- Não nego a vocês que tenho um plano na cabeça e no coração posso dizer. É uma idéia muito velha, que trago comigo desde os tempos do finado meu avô. (MMM, p.82)

Me virei para João Rufo:

- João, os outros eu não sei; mas você se lembra do Avô e do Pai (...) (MMM, p.82)

Na primeira conversa mantida entre Maria Moura e os caboclos, João Rufo assume importância fundamental ao desempenhar a função de *testemunha* sobre o depoimento feito por ela (experiências narradas pelo Avô), sustentando a Verdade sobre as histórias contadas que relatam a existência da Terra. Esse poder-testemunho contribui para o efeito persuasivo, almejado por Maria Moura: convencê-los a retomar a Serra dos Padres. Para isso, alguns recursos discursivos são empregados no uso da informação (a existência da terra), mediando a relação entre Maria Moura e os caboclos. Essa mediação vitaliza o objeto-Terra, que é re-arranjada pelo poder da palavra. Vejamos neste fragmento do romance: *João Rufo concordou que se lembrava muito bem, tal qual Sinhazinha dizia (...)* (MMM p.82) João Rufo, Roque, Zé Soldado e, posteriormente, Duarte pela lealdade e confiança estabelecem o equilíbrio no domínio das ações empreendidas por Maria Moura. João Rufo é aquele que a acompanha desde a infância; sua importância desnuda a duplicidade entre o *protetor* e o *testemunho*, estabelecendo, portanto, um elo que reforça a relação Avô/Pai/Maria Moura.

Também tinha João Rufo, mas esse eu poupava. Me acompanhava há tanto tempo, que já parecia fazer parte da minha pessoa. Eu não passava sem ele, que me adivinhava os pensamentos. E respeitoso, calado, obediente. No dia em que eu perder João Rufo, o mundo pra mim fica diferente. (MMM, p.61)

Roque entra no bando já formado, e sua importância é restrita à ação da guerra, aos conhecimentos e experiências que possibilitam a Maria Moura uma ação mais eficaz. Diante da lealdade e destreza, Roque se consolida como importante peça nas investidas. João Rufo, Zé Soldado e Roque vão auxiliá-la na conquista da Serra dos Padres, vão ter atuação mais expressiva até a chegada e a construção da Casa Forte.

A parrelha de estréia foi escolhida: Roque e Maninho. No que foi chamado, Roque saiu com uma novidade que veio modificar tudo que era plano meu. Roque não achava certo as parrelhas andarem a cavalo. (MMM p. 62)

Duarte surge com a Casa Forte já erguida, como que caído do céu, pois antes a narrativa só fala dele como irmão de Marialva, compreensivo e cúmplice. Duarte chega a casa e logo conquista a confiança de Maria Moura pelo laço familiar, pelos modos, pela inteligência e pela perspicácia na ação.

Então, quando já estava quase no fim a construção da Casa Forte, me caiu do céu uma pessoa que eu já conhecia, mas nem me lembrava muito dele; e, mormente, nem sabia direito o laço de sangue que existia entre nós dois. (MMM p.296)

Era o Duarte, filho do tio Xandó, o pai dos rapazes das Marias Pretas; e filho, não da tia Liça, mas de uma mucama da casa, a Rubina; a quem o velho Xandó alforriou, quando ainda prenha, ‘pro moleque nascer forro’ (...) (MMM p.296)

Em *Morfologia do Conto* (1984, 34), Propp fala sobre a persuasão como componente determinante do perfil da personagem (antagonista), à medida que é usada pelo agressor, para ludibriar sua vítima e apoderar-se dela ou de seus bens: “O agressor age por meio de persuasão: a bruxa oferece o anel..., a comadre propõe um banho de vapor”. Nas narrativas do conto maravilhoso, o recurso da persuasão é sempre interpelado por um objeto, que recebe sua valoração pelo uso da palavra feita pelo manipulador. Neste caso, assim como a *maçã* ou o *anel*, o objeto é a Terra.

Ao lançar mão do recurso de negociação no processo de conquista do aliado, Maria Moura instaura, pelo viés da promessa de riqueza, o desejo pela propriedade. Criar o desejo e instaurar a possibilidade de conquista é o efeito que seu discurso quer no outro.

“- É tudo nosso – quero dizer, meu, herança do Avô e de Pai”. Maria Moura, ao iniciar o diálogo fazendo uso do sintagma *tudo nosso*, marca, pelo uso da primeira pessoa do plural, expresso pelo pronome possessivo *nosso*, antecedido pelo pronome indefinido *tudo*, simultaneamente dois resultados: a possibilidade de divisão e a grandiosidade do que está sendo dividido. Continuando sua fala, a protagonista transfere o núcleo de seu discurso para a primeira pessoa: “(...) meu, herança do Avô e de Pai” (grifamos); nesse rápido jogo, a personagem realiza um re-enquadramento cuja fala parece expressar a promessa de divisão da terra/propriedade. Entre *meu* e *nosso*, há um explícito conteúdo tendendo a incluir o ouvinte na mesma condição do falante.

Esse enquadramento, “eu mais o outro,” realizado pelo jogo entre *prometer*, sem, contudo *mentir*, Breton avalia como re-enquadramento abusivo, no qual há todo um trabalho com o nível de sentido das palavras. Os limites entre o que ainda é *meu* – o individual –, mas que *pode ser nosso* – proposta do coletivo, marca o uso de palavras que agem pelo deslocamento de sentido que atende ao desejo do outro. Ao concluir o discurso, a personagem cerca o termo *tudo* de coloridos que tecem, com maior exatidão, o *objeto* que se mostra aos olhos pela promessa de prosperidade e riqueza. Em síntese, o discurso anuncia a divisão da Terra. Como herdeira única, está munida desse poder absoluto. Em si, esse poder, já que explora a condição de *sinhá e caboclos*, seduz. Para Jean Baudrillard, o poder seduz:

Não no sentido vulgar de um desejo das massas, de um desejo cúmplice (tautologia que volta a embasar a sedução no desejo dos outros) – não; ele seduz pela reversibilidade que o persegue e sobre a qual se instaura um ciclo mínimo. (...) (1992, p.55).

Nasce nova perspectiva na narrativa, que é a possibilidade ascensional do servil, garantida pelo patrão. A promessa de divisão instaura uma possibilidade não apenas de consciência de caminho e escolha, feita esta pelo caboclo, como também a de mudança de sua condição. Há claramente um direcionamento novo aos feitos, e a servidão parece ter os dias contados.

Muita terra boa de criação, de planta, de tudo. Madeira, então. Cada cedro que dois homens de mãos dadas não abarcam. E diz o povo mais antigo que lá tem botija de ouro enterrada pelos padres, faz quase cem anos. (MMM, p.82)

O efeito de encantamento, gerado pela imagem que a Terra assume no discurso de Maria Moura, garante a cumplicidade e parceria. Começa a nascer a Terra Prometida: a Serra dos Padres. Nessa perspectiva, externa-se no discurso de Maria Moura a estrutura do anunciador, obedecendo a uma linha de desenvolvimento que percorre os relatos breves sobre as histórias do passado do Avô e do Pai, seguidos da manifestação da necessidade de reconquista dessa Terra. Nasce, nesse aspecto, a imagem do líder como grande legislador – que vai se consolidar com a chegada à Serra dos Padres e na construção da Casa Forte. Detentora da palavra, Maria Moura articula a formação do bando em torno da Terra Prometida. Simetria nos parece possível com Canaã, a Terra Prometida expressa pelo discurso de Moisés. Ambas, Canaã e Serra dos Padres, são oferecidas e sustentadas pelo desejo de liberdade, estabelecendo como recurso persuasivo a própria Terra: uma Terra que encanta pela promessa de riqueza e prosperidade. Para que tal promessa adquira o efeito desejado, ou seja, conquiste a confiança, o agente deve dispor de destreza e fé. Esta última legitima o poder articulador dos líderes-pastores. O estatuto que rege as ações de Maria Moura é o da crença, confirmando-a como uma espécie de *Moisés rebaixado*. Maria Moura, como condutora, retoma a imagem de Moisés sem, contudo, conciliar a condição mítica do herói. Como Moisés, Maria Moura consegue persuadir por acreditar na Terra. No discurso de Moisés, a fé se consagra como conhecimento transcendental; Maria Moura, personagem destituída de condição divina e mítica, ao contrário, revela-se humana ao explorar no conhecimento o desejo pela transgressão, a fé é herança paterna. Daí o caráter humano e o franco diálogo com a dinâmica da tradição. De qualquer maneira, entre Moisés e Maria Moura uma aproximação possível se faz pela idoneidade da fonte anunciadora da existência da Terra (Deus/Pai). A imagem paterna é condutora das ações; estas, empreendidas a partir do momento de revelação. Em ambos (Moisés e Maria Moura), o desejo de busca pela Terra Prometida instaura a peregrinação do herói.

Inicialmente, Maria Moura lidera o bando pelo fato de ser a herdeira da Terra, o que não parece ser suficiente para essa posição. Antes, prevalece em Maria Moura a

competência da liderança que aponta, com conhecimento herdado do Pai, uma consciência do caminho a ser seguido e uma determinação diante do que deve ser feito.

- Vamos arranjar animal pra todo mundo, armamento e munição, mantimento pra comer. Se der jeito, se toma ou se pede emprestado. Em algum caso até se compra. Eu tenho com quê – mas prefiro ir guardando os recursos para a munição, que só se adquire mesmo em compra. Não tem nem quem roubar (MMM, p. 83)

Percebe-se que, na fase de eliminação dos adversários ou na conquista dos aliados, Maria Moura não se restringe à persuasão como forma de negociação. Em alguns momentos, impõe-se pelo uso da *intimidação*. A questão central do recurso da *intimidação* se baseia no esforço em inspirar o medo de um prejuízo que se deseja poupar, e que pode, assim, servir de moeda de troca para o que se deseja obter (BREMMOND,1972). Recurso muito mais arriscado, e abertamente agressor:

Eu levantei a mão avisando:

- Vou prevenir a vocês: comigo é capaz de ser pior do que com cabo e sargento. Tem que me obedecer de olhos fechados. Tem que se esquecer de que sou mulher – pra isso estou usando calça de homem.

Bati no peito.

- Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês. Se eu disser que atire, vocês atiram; se eu disser que morra é pra morrer. Quem desobedece paga caro. Tão caro e tão depressa que não vai ter tempo nem para se arrepender.

- Agora se acabou a Sinhazinha do Limoeiro. Quem está aqui é a Maria Moura, chefe de vocês, herdeira de uma data na sesmaria da Fidalga Brites, na Serra dos Padres. Vamos lá arriem os animais. (MMM, p.83-84; grifamos)

Diante dessa realidade, nasce outra postura empreendida pela personagem, o convencimento da necessidade de se enquadrar no mundo masculino para poder exercer sua liderança. Maria Moura tem consciência de que, para ser líder daqueles homens, precisa parecer-se a eles, revestir a feminilidade. É com essa reflexão que a primeira modificação ocorre diante dos olhos de outros:

Não sei o que tinha na minha voz, na minha cara, mas eles concordaram, sem parar pra pensar. Ai eu me levantei do chão, pedi a faca de João Rufo, amolada feito navalha – puxei: o meu cabelo que me descia pelas costas feito uma trança grossa; encostei o lado cego da faca na minha nuca e, de mecha em mecha, fui cortando o cabelo na altura do pescoço.

Dei um nó na trança aparada e entreguei a João Rufo, junto com a faca.

-Guarde esse cabelo no alforje. (MMM, p. 84)

O corte dos cabelos empreendido pela donzela-guerreira se torna expressivo e aponta uma séria consciência do divórcio a ser eliminado entre sua *condição biológica* e o compromisso assumido. O que para Diadorim representa uma etapa necessária ao disfarce, em Maria Moura se cumpre como uma fase do rito cuja base se desloca da noção de ocultamento para o conceito de identidade (*parecer-se ao outro*). Precisamente, o desejo de ocultar-se não é pré-condição à sua relação com o bando (como João Rufo que a conhecia desde menina), mas, ao contrário, marca uma ruptura com o passado de menina-sinhá, órfã e frágil, para alcançar e confirmar a de líder.

Para que tal proposição se apresente com resultado satisfatório, sua condição de liderança implica a imagem que consiga re-construir (de si) ao outro. Nessa imagem, o comportamento deve, de alguma maneira, projetar em si o outro, no movimento constante entre *semelhança e diferença*. Ser apenas semelhante ao outro não garantiria ao líder sua condição, ser diferente implicaria o não-reconhecimento. O líder deve comungar elementos que dialoguem com essas duas esferas (semelhança e diferença), de maneira que atraia o reconhecimento da importância de seu papel. Nesse aspecto, o carisma, a eterna vigilância, o conhecimento são dispositivos que consolidam ou permitem o lugar ocupado por um líder.

O ato de cortar o cabelo parece ser tentativa de minimizar a diferença. Cortar os cabelos corresponderia a uma morte iniciática, cujo processo de maturação é almejado. O rito busca a formação do *novo corpo*, perseguindo a *renovação, como um rito iniciático, o retorno a origem* (ELIADE, 1998, p.76). No conto maravilhoso, segundo Propp, para os cabelos “havia dois tipos de manipulação: ou eram cortados e queimados, ou então, ao contrário, deixava-se que crescessem, mas nesse caso ficavam escondidos sob o adorno especial que era proibido retirar.” (1984, 158). Para Propp no rito de iniciação, provavelmente não havia uma única parte do corpo humano que não fosse submetida à manipulação. Observa ele que os próprios órgãos internos eram supostamente retirados e substituídos. Entretanto, salienta que havia manipulações especiais para a cabeça e os cabelos. Lembra ainda que os cabelos estão associados à força – basta citar a aventura de Sansão e Dalila. Em *Memorial de Maria Moura*, uma das etapas do rito de iniciação é assistida por todos, e acarreta, pela própria configuração do rito, uma busca da renovação do Ser. Morte para a sinhá órfã, e nascimento daquela que busca a Serra dos Padres. O rito nesse aspecto opera uma metamorfose que exige por um lado a morte e, por outro, o renascimento, representando a passagem de um estado a outro; de uma condição a outra. O sofrimento se torna condição necessária à identificação ou reconhecimento do herói. Para Maria Moura, essa questão não se exhibe de maneira diferenciada. Estar qualificada para a empreitada significa não apenas achar-se qualificada, mas ser vista pelo outro como igual e, ao mesmo tempo, superior. A crença ou o crédito do outro se faz necessário. Tal crença é confirmada, visto que a confrontação com os limites do corpo, da resistência ao sofrimento parece guiar a confirmação da superioridade e engrandecimento desse mesmo corpo.

Eu enfiei uma calça que tinha sido de Pai, para montar com mais liberdade. Me servia perfeitamente, eu sabia. Pai era magro como eu,

e tinha pouco mais que a minha altura (...) vesti em cima o casaco de Pai, para esconder a cintura (...) (MMM, p.63)

A mudança nos trajes, nas atitudes, a assimilação de objetos até então não manipulados por Maria Moura complementam esse quadro de transformação, e consolidam nova relação com os caboclos. A partir dessa fase inicia-se a configuração do líder que os conduzirá. Esse processo de maturação da personagem se torna resultante da necessidade de eliminação de obstáculos; nesse plano, duas naturezas de obstáculos que se situam em esferas inter-relacionadas: *obstáculo de natureza* que se consagra pelos limites femininos e masculinos; e o *obstáculo de ação*, neste caso um bom exemplo é o processo inicial de formação do bando, a presença de Cirino, as empreitadas. Este nível de obstáculo ocorre na narrativa para problematizar o *obstáculo de natureza* e, portanto, fundar o processo de aquisição gradativa de uma melhor resistência física apresentada pela personagem, a cada nova empreitada. É nesse sentido que o processo vitaliza as máximas entre *ser/parecer*, ora a consciência da diferença, ora acima dessas limitadas formas:

Mas o que eu não queria era que vissem meu rosto. A cara de mulher. Mesmo com o cabelo cortado, eu não devia ter feição de homem; já o corpo, disfarçado no traje, ainda podia enganar. (MMM p.112)

(...) Quando eles nos viram, a gente já estava em cima. Eu tinha dito a João Rufo: 'você fala. Eu não quero que eles ouçam a minha voz'. (MMM p.112)

Após passar pelo processo de qualificação que tem como seu ponto central a emboscada para o Irineu, Maria Moura prepara sua maior viagem, o encontro com a Serra dos Padres. Singular o caminho que leva à Serra dos Padres. Caminho que Maria Moura só poderia percorrer após uma fase de iniciação. O capítulo introduzido pelo sintagma *enfim... a grande viagem* desnuda o percurso do Limoeiro até a chegada ao Socorro como a primeira fase de sua jornada que compreende um período de preparação no qual as peripécias servem como aventuras para comprovar a qualificação do herói. Tanto assim que consolida um processo que se inicia com o incêndio da casa do Limoeiro até o ferimento na emboscada para o Irineu. Nesse intervalo da narrativa, Maria Moura enfrenta situações de embate que lhe permitem o conhecimento necessário para traçar o caminho até a *Serra dos Padres*. Nesse percurso se fazem presentes os predicativos que a qualificam para agir em nome do pai, externando *os mais caros troféus erguidos pela civilização*. Nessa jornada se estabelece o deslocamento entre dois mundos: o mundo de origem (a Casa do Limoeiro) e o mundo do desejo (a Serra dos Padres), ou, ainda, o mundo do outro. Localizados bem distantes um do outro, esses mundos podem estar na linha horizontal, representando uma distância apenas geográfica, ou na linha vertical, de cima para baixo ou vice-versa, onde se explicitam os pólos de distância de natureza. Neste último, se enquadra o objeto de procura de Maria Moura, estabelecendo o grau de deslocamento almejado por ela.

Essa linha vertical é representada por dois rios. São dois os rios, na narrativa, que concluem o ritual da busca, numa travessia que parece recompor, metaforicamente, o espaço do sagrado e do humano, do feminino e do masculino, do paterno com o materno. Dois como pai e filha. Dois rios que são apresentados na vertical como “o rio do alto (rio do mundo de cima), na tradição judaica é o rio das graças e das influências celestes. (...)” (1998).

A imagem dos dois rios está presente na *Divina Comédia*. Dante põe no Paraíso Terrestre, ou seja, no topo do purgatório, dois rios denominados *Letê e Eunoé*. *Letê é o rio do além, (...) nasce de uma fonte sobrenatural alimentada por Deus* (Purg. XXVIII), tem a faculdade de eliminar definitivamente a lembrança, os vestígios dos pecados. Em grego significa ‘esquecimento’ (Purg. XXVI, 108): “*Eunoé*, desconhecido pela tradição, é criado por Dante partindo do grego eunous (= de bom sentimento) e atribuído a um riacho que corre no paraíso terrestre alimentado pela fonte de que provém Letê; mas, enquanto quem bebe a água deste esquece o pecado, Eunoé reativa a lembrança das boas ações cometidas”.

Tanto Letê como Eunoé, o primeiro como esquecimento e o segundo por reativar as lembranças, remontam no espaço do purgatório o rito de purificação. A mesma fonte que alimenta Letê e Eunoé mostra o uno que se bifurca; temos novamente dois em simetria paralela. Os dois rios estão presentes ainda em *Grande Sertão: Veredas*, como metáfora da relação entre Diadorim e Riobaldo; o rio de-Janeiro de águas claras e o do-Chico, *aquela terrível água de largura*, dão o tom do limite e o encontro da diferença. Há um sentido de purificação na travessia, mas sobretudo o sentido metafórico do curso da vida constante e imprevisível. Em *Memorial de Maria Moura*, os dois rios conclamam não à travessia, mas à conquista e à confirmação da passagem do herói de um estado ao outro. Assim também os rios estabelecem a divisão entre as extremidades do desejo paterno, restaurador da tradição, portanto coletivo, e do desejo individual, ao qual aquele se sobrepõe. Nesse aspecto, os dois rios dialogam, no plano simbólico, com a imagem de destruição da casa no Limoeiro, e tornam-se figuras representativas da marca de sacrifício da donzela-guerreira. Nesse plano de restauração e sacrifício, Maria Moura é autorizada a atitudes não raro estranhas, ou ausentes ao domínio feminino; como sublimação, a purificação pela água conclui o rito de passagem de Maria Moura, permitindo a conquista do Sagrado. Diz a narrativa:

Passa por caatinga e por serrotes; por *mata e cerrado*, por léguas de *campos e alagados*. Dois rios se atravessa, sempre secos no *verão*; mas no *inverno* eles correm encachoeirados, das águas que descem a serra. E, depois que se atravessa *os dois rios*, e se topa com os primeiros contrafortes do pé da serra, segue sem desencostar, até encontrar com *dois serrotes* juntos, um *pequeno* e mais *baixo*, o outro *comprido e alto*, e que se chamam o *Pai e o filho*.(MMM p.225; grifamos)

Duas também são as imagens dos serrotes que juntos parecem representar o processo de identificação narcísico estabelecido entre Maria Moura e o Pai. Como

relação narcísica, tais imagens propõem o elo em que reflexo e cumplicidade se contaminam entre Pai e Filha.

Devagar, devagar, se desenhando dentro da claridade, foi aparecendo o serrote grande todo cinzento e manchado de listras pretas; um cabeço de pedra pura, arredondando o vulto, no alto. Tinha que ser o Serrote do Pai. E quando andamos mais um pouco, logo deu para ver, à direita do Pai, o serrote menor, como se agasalhando na sombra dele. Lá estava o serrote do Filho! (MMM , p.231)

Mas como Narciso, pai e filha desmentem a ilusão da unidade e se transformam na denúncia da clivagem e da divisão. Ainda que expressem, pai e filha, em alguma medida a perfeição andrógina, como o narciso composto de masculino e feminino, na versão de Pausânias. Mas insiste a ostentação de imagens bipolares durante o percurso da Serra dos Padres. A idéia de par está presente em imagens contrárias e complementares: cerrado/mata; caatinga/alagados; inverno/verão; pequeno/alto; comprido/baixo; dois rios e dois serrotes como pai e filho. A natureza assim apresentada revela, pelo contraste, uma dialética harmoniosa: uma espécie de metonímia da figura ou relação pai/filha. O universo bipolar parece, antes, a organização de pares que, ao serem descritos, estabelecem o momento de conexão entre partes opostas que se contemplam, como ciclo contínuo da existência, como expressão da vida, como o verão e o inverno, como o fogo e a água, como Pai e filha.

Referências

- ANDRADE, Vera Lucia. Conceituação de Jagunço e jagunçagem em Grande Sertão: Veredas. In: **Fortuna Crítica Guimarães Rosa**. (Org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- BREMMOND, Claude. **Análise Estrutural da narrativa**. (Vários autores). São Paulo: Vozes, 1972.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1998
- QUEIROZ, Raquel de. **Memorial de Maria Moura**. São Paulo: Siciliano, 1992.
- GALVÃO, W. N. **As formas do falso**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **A donzela-guerreira: um estudo de gênero**. São Paulo: Senac, 1998.
- PROPP, V. **Morfologia do Conto**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.